
Moradias e práticas espaciais na região da Luz

Heitor Frúgoli Junior e Bianca Barbosa Chizzolini



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/1135>

DOI: 10.4000/pontourbe.1135

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Edição impressa

Data de publicação: 1 Dezembro 2012

Referência eletrónica

Heitor Frúgoli Junior e Bianca Barbosa Chizzolini, « Moradias e práticas espaciais na região da Luz », *Ponto Urbe* [Online], 11 | 2012, posto online no dia 01 dezembro 2012, consultado o 19 abril 2019.

URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/1135> ; DOI : 10.4000/pontourbe.1135

Este documento foi criado de forma automática no dia 19 Abril 2019.

© NAU

Moradias e práticas espaciais na região da Luz

Heitor Frúgoli Junior and Bianca Barbosa Chizzolini

AUTHOR'S NOTE

Pesquisa coordenada por Heitor Frúgoli Jr. no âmbito do GEAC (Grupo de Estudos de Antropologia da Cidade) e desenvolvida com o apoio do CNPq (Projeto Universal, Edital MCT/CNPq 14/2008, 2008-2010), da qual participaram Heitor Frúgoli Jr., Bianca B. Chizzolini, Giancarlo M. C. Machado, Inácio C. D. de Andrade, Karina Fasson e Weslei E. Rodrigues. Também colaboraram Lais Silveira, Carlos F. R de Aquino, Isadora Z. da Fonseca, Marina A. Capusso, Paula S. D. Faria e Fábio C. Julião.

Introdução

- 1 Apresentaremos nesse artigo nossas interações com moradores – por meio dos quais reconstituímos algumas redes com certa densidade local ¹ – da região da Luz, ² no intuito de apreender dinâmicas habitacionais articuladas às relações com o entorno, que pode adquirir diferentes nomeações, como Luz, cracolândia, Centro, Campos Elíseos, Santa Ifigênia ou Boca do Lixo. Para alguns agentes pesquisados, a resposta à questão “onde você mora?” comporta respostas diferentes, dependendo da imagem que se quer transmitir de si, da experiência cotidiana, da situação em que a indagação seja feita ou do posicionamento num contexto crescentemente marcado por conflitos de várias ordens.
- 2 Nesse sentido, práticas espaciais, princípios de classificação, especificidades das áreas centrais, fronteiras fluídas do bairro e da *cracolândia*, e estratégias relacionais (CERTEAU, 1994 [1980]; MAYOL, 2008 [1994]; ARANTES, 2000; CORDEIRO; COSTA, 1999; AGIER, 1999; FRÚGOLI JR., 2000) são temas combinados que a observação etnográfica nos permitiu reconstituir em campo, nas interações e conversas com moradores, e, sobretudo, nas

caminhadas que realizamos com vários deles, percorrendo ruas e avenidas e outros espaços que desenhavam seus trajetos de trabalho, lazer, uso de serviços, militância, relações de vizinhança e interações nos espaços públicos.

- 3 A opção etnográfica por explorar os meandros de moradias (principalmente edifícios) ³ combinada às vivências no bairro ou em regiões mais amplas nos permitiu complexificar a imagem muitas vezes associada a esses moradores. A dinâmica residencial desses agentes contatados não é necessariamente aquela da reclusão doméstica, do isolamento ou insulamento em um bairro associado pelos meios de comunicação à marginalidade e à pobreza, ⁴ tampouco de uma sociabilidade fundada exclusivamente sobre afinidades e proximidades, tendo em vista as modalidades de interação que se criam e se dissolvem no contexto urbano (SIMMEL out./2005 [1903] e 1971 [1917]; VELHO, 1999; JOSEPH, 2005 [1998]; FRÚGOLI JR., 2007).
- 4 Na região da pesquisa, bem como de um modo geral na área central de São Paulo, a dimensão da moradia não costuma ser tão visível ou evidente, dado ser menos populosa que as demais (FOLHA DE SÃO PAULO, 30/9/2012), bem como pela ênfase à concentração de outras dimensões urbanas relevantes (trabalho, equipamentos ou transporte, dentre outras). Enfatizar nesse caso a dimensão da moradia implica, portanto, em lidar com as dimensões territoriais e demográficas complexas e entrelaçadas que marcam a área central de São Paulo (FRÚGOLI JR., 2000; MARQUES; SARAIVA, 2005; KOWARICK, 2007; AQUINO, 2009; RIZEK, 2011). ⁵
- 5 Desse modo, uma das principais intenções consistiu em captar como tais residentes se apropriam ou dão significado ao espaço em questão, tendo em vista que em muitos casos a moradia na Luz ou no Centro está diretamente associada ao acesso a algum tipo de trabalho ou ao uso de equipamentos urbanos (como saúde, educação, transporte ou abastecimento), ao mesmo tempo em que, principalmente (embora não exclusivamente) na região em questão, o espraiamento do uso do crack e os projetos de intervenção urbana (com as demolições, ações de fiscalização e controle, além das repressões policiais) têm acarretado uma série de desafios adicionais tanto às práticas espaciais cotidianas, quanto à possibilidade da própria permanência naquele espaço.
- 6 Mulheres e homens acompanhados durante a pesquisa circulam pela região, identificam territórios associados ao uso do crack, buscam mapear outros possíveis contratempos nas ruas e constroem relações de vizinhança marcadas por alianças e conflitos. Embora parte desses últimos reflita dinâmicas internas aos prédios, ⁶ há outras tensões que dialogam com o contexto urbano mais abrangente. Remetem a ilegalidades do entorno – como o comércio de drogas e mercadorias ilegais –, ou refletem interesses diversos, e por vezes conflitantes, que permeiam as recentes intervenções no bairro, e que, não raro, afetam as dinâmicas relacionais internas dos edifícios pesquisados. A abordagem aqui proposta tem assim um duplo caráter, pois não tratará apenas das dinâmicas habitacionais ou de vivências no bairro: olharemos para esses agentes enquanto moradores e cidadãos. Isso implica uma atenção especial aos diferentes arranjos e contextos situacionais possíveis – cuja ênfase nesse texto será a condição de morador articulado a outras prováveis: transeunte, usuário de serviços da região, comerciante ou comerciário, trabalhador informal nas ruas do entorno etc.

Mapeamentos iniciais

- 7 Uma vez apresentados os principais objetivos desse artigo, é importante evidenciar, de forma concisa, como a observação se construiu ao longo da investigação, a começar pelo enfrentamento das possibilidades de aprofundamento quanto a uma tipologia de moradias e de moradores, pois mesmo se tratando de uma área onde a princípio predominariam as classes populares, as mesmas abrigam uma significativa heterogeneidade interna.
- 8 Era inclusive importante, antes das interações propriamente ditas, traçar um mapeamento prévio de dados existentes sobre a população local que pudesse ajudar a nortear os primeiros passos da pesquisa. Visitas iniciais em 2007 a instituições do poder público, como a CDHU – Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano do Estado de São Paulo, do Governo Estadual, vinculada à Secretaria da Habitação – permitiram avaliar uma justaposição de programas de abrangências variadas com incidência na região da Luz, como o PAC – Programa de Atuação em Cortiços –, nomeado então PAC Nova Luz, o que já evidenciava um diálogo com o projeto Nova Luz (Prefeitura do Município de São Paulo, dez./2005) ⁷ com uma abrangência territorial que segue parâmetros da EMURB – Empresa Municipal de Urbanização –, embora também buscasse sintonias com um projeto anterior, o Monumenta, voltado a instituições culturais. ⁸ Tal programa teria similaridades com outro, ligado ao governo federal, o PAR – Programa de Arrendamento Residencial (mantido pela Caixa Econômica Federal) –, embora do ponto de vista dos técnicos do CDHU esse último fosse mais oneroso e menos sustentável para as famílias participantes.
- 9 Nesse período da pesquisa, o Projeto Nova Luz já estava em andamento, cuja proposta de intervenção urbanística era de natureza diversa daquela que envolvera o Monumenta, iniciativa do IPHAN e do Ministério da Cultura, com apoio do Banco Interamericano de Desenvolvimento, representando no caso de São Paulo uma decisão conjunta do Ministério da Cultura, da Secretaria de Cultura do Estado e da Secretaria Municipal de Cultura, com ações voltadas ao distrito do Bom Retiro (que engloba a região da Luz), com aspectos especiais quanto à própria área da Luz (SALES, 1998; FRÚGOLI JR., 2000; KARA-JOSÉ, 2007). Isso de certo modo marcaria a passagem da ênfase na reforma ou criação de instituições culturais como principal fator de *revitalização* na região – ainda que isso tenha desdobramentos nessa área – para a tentativa de intervir de forma mais abrangente, ou seja, trata-se de outro (e de certo modo mais polêmico) princípio organizador da intervenção local no tecido urbano.
- 10 Do ponto de vista desse levantamento de dados junto ao poder público, constatava-se um conjunto complexo de instituições, envolvendo distintas esferas – federal, estadual, municipal –, que atuam em espaços comuns, porém com objetivos distintos e nem sempre complementares ou convergentes, cujos territórios de atuação muitas vezes de justapõem e desenham perímetros variados.⁹ Ao mesmo tempo, percebia-se também uma sucessão de intervenções (mesmo que com certo grau de articulação entre as esferas de poder), com objetivos aparentemente próximos, sem que as anteriores tivessem necessariamente esgotado certas possibilidades, voltados ao que parecia demarcar politicamente as especificidades de cada gestão em questão. Além disso, havia dificuldades em situar e quantificar dados locais, por conta de a Luz não conter uma circunscrição oficial, por haver organismos que delimitam a área com formas e critérios distintos, e por se tratar de

um contexto cuja precariedade (cortiços, ocupações ou edifícios precários) impede um conhecimento (inclusive numérico) mais preciso.

- 11 Frente a um quadro que se anunciava bastante fragmentado, preferimos então dar início à investigação etnográfica através do contato com pessoas presentes nas cercanias da Estação da Luz, marcada por concentrações de estabelecimentos comerciais, equipamentos urbanos e usuários e frequentadores, estendendo tal área a partir das pistas fornecidas pelos próprios entrevistados, que também orientariam um entendimento inicial sobre vários temas – incluindo a questão da moradia, que interessa mais diretamente ao presente artigo –, levando em conta que os assuntos ligados então ao poder público inevitavelmente ressurgiriam, mas sob outras óticas ou transversalidades.
- 12 Ao longo desses primeiros contatos, foi possível estabelecer interações que permitiam tecer um quadro inicial abrangente, mas que não se desdobravam, por diversas razões, numa etnografia mais detida e articulada.
- 13 Alguns sem-teto dessa região, principalmente os moradores da ocupação da R. Mauá,¹⁰ nos receberam e auxiliaram de forma substantiva na pesquisa, mas por estarem naquele espaço recentemente e por conta das prioridades políticas do movimento, tendiam a dar relativa pouca importância às principais questões da pesquisa. Caso estivéssemos pesquisando esse movimento em particular, teria sido necessário reformular nossas prioridades, mas o fato é que as redes de relações nos levavam a outros militantes,¹¹ a outros movimentos de ocupação, a outros espaços urbanos. Isso não permitia, com raras exceções,¹² que configurássemos um quadro mais denso de relações locais, embora as motivações de vários deles para permanecer na Luz tivesse relação não apenas com o fato de que muitos edifícios ocupados estivessem vazios, mas devido às qualidades existentes no Centro (aspecto frisado na sigla de muitos movimentos) sobretudo quanto ao acesso a atividades de trabalho¹³ e a variados equipamentos urbanos, embora muitos ressaltassem os desafios e estratégias relacionais ligados à grande presença de usuários de crack na região, mas também com relação a ação da polícia nas ruas.
- 14 Ainda em 2007, quando algumas demolições ligadas ao Projeto Nova Luz já tinham ocorrido, tentamos localizar pessoas atingidas pelas mesmas. Chegamos a ter contato com uma delas – alagoana e há 26 anos na capital paulistana – que anteriormente morava num sobrado da região derrubada, cujo andar térreo era usado como uma mini-mercearia; a desapropriação e demolição da casa fizeram com que o marido ficasse sem emprego e que ela passasse a trabalhar então como funcionária de uma lanchonete (cuja proprietária também tivera um estabelecimento demolido); o dinheiro obtido com a indenização levou o casal a tentar a compra financiada de um apartamento num conjunto habitacional em construção na periferia, enquanto moram com os três filhos numa quitinete da região; ainda segundo ela, outras pessoas atingidas pelas demolições teriam se mudado para lugares próximos e mais precários ou pensões, mas algumas teriam inclusive voltado para seus locais de origem.¹⁴
- 15 Pequenos hotéis (como os situados na R. Helvétia) chegaram a ser visitados, mas não houve possibilidade de continuidade. Nos breves contatos feitos, poder-se-ia indicar três principais usos: 1) consumo de crack; 2) “entrada e saída”, com forte fluxo de prostitutas que trabalham na região; 3) utilização para hospedagem de “sacoleiras”, comerciantes de fora de São Paulo que fazem grandes compras por atacado nas regiões da R. 25 de Março e do Bom Retiro.

- 16 Tentamos visitar cortiços na região da Luz, mas era muito difícil fazer alguma visita sem contato prévio às chamadas *pensões*. Breves incursões chegaram a ser feitas, mais próximas à Av. Tiradentes, nas quais sucintamente deparamo-nos com condições bastante precárias, banheiros e tanques em números muito limitados, quartos com pouco espaço ou sem janelas, preços de aluguel bastante altos (de R\$ 190 a 300), contratos precários ou inexistentes, e moradores que se referiam à região como espaço importante devido à proximidade a oportunidades de trabalho.¹⁵

Residentes de edifícios: novas redes de relação, novos conflitos¹⁶

- 17 Pode-se dizer que outra trilha de investigação teve início quando o morador de um edifício da região da Luz¹⁷ aceitou nos receber em seu apartamento. Isso possibilitava a observação de novos contextos e outras redes de relações possíveis naquela área, com atenção às mesmas temáticas anteriormente já delineadas.
- 18 Morando anteriormente na Lapa, Alberto mudou-se para a área da Luz para trabalhar numa das instituições culturais locais, tendo sido, portanto, a proximidade do trabalho e de outros lugares a principal motivação da compra do apartamento no Ed. Bandeira, onde então residia. Embora se trate de uma região com muitos atrativos, ele frisava um forte processo de especulação imobiliária em andamento, ligada à tentativa de intervenção nessa área central. Na sua visão, o espraiamento da *cracolândia* se relacionaria diretamente com isso, havendo assim um interesse do próprio poder local numa desvalorização, forçando a saída de muitos, para que, no futuro, imobiliárias adquirissem imóveis a preços vantajosos, para revendê-los com altíssimo lucro, quando tal região tivesse passado por melhorias. Isso implicaria numa conivência policial com a expansão da própria *cracolândia* (segundo ele, significativa nas imediações das Al. Nothmann e Dino Bueno), possibilitada por propinas pagas por traficantes, cuja repressão se voltaria apenas aos *noias* (fazendo-os mudar de lugar no próprio entorno, ou por outros locais do Centro), o que ajudaria a consolidar a fama adquirida pelo local como ponto de vendas de crack em todo o estado de São Paulo.
- 19 Segundo ele, os *noias* não atacam ou assaltam os transeuntes da região, já que não têm força diante do uso da droga e da própria repressão policial. Por mais que exista um preconceito em relação ao bairro, o mesmo seria, para ele, extremamente seguro.¹⁸ Ele próprio se dispôs a ajudar uma garota usuária de crack, vista constantemente no perímetro da *cracolândia*. Ela na época tinha 15 anos de idade e se ofereceu para fazer programa. Ele recusou, mas ofereceu sua própria casa para que ela morasse por um tempo. Apesar da tentativa de ajuda, ela não permaneceu muito, tendo voltado novamente às ruas para vender crack. Ela estava, naquela época, presa no Cadeião de Santana.
- 20 Se em alguns momentos ele entende que o local de sua residência faz parte do perímetro da Luz, em outros, ele afirma morar na Santa Ifigênia. Mas de um modo geral, quando perguntado por alguma pessoa em qual bairro mora, responde Santa Ifigênia; quando vai explicar para alguém e a pessoa não conhece a região, diz “perto da Luz”; quando quer impressionar positivamente, diz que mora nos Campos Elíseos; quando quer chocar e provocar (como p. ex. numa festa), diz que mora “no meio da *cracolândia*”, causando certo impacto na interação.

- 21 Sobre o centro de São Paulo, ele pondera que em toda a sua extensão há regiões mais e menos valorizadas, ou dito de outra forma, espaços mais “limpinhos” ou tidos como “bocas”. Os primeiros seriam aqueles próximos à região da Av. São João, Lgo. do Arouche e Santa Cecília, onde se concentram uma diversidade de pessoas, sobretudo jovens, que se dirigem ao Centro por conta de diversas programações culturais. Já a boca situa-se nas imediações da Av. Duque de Caxias, local em que está localizada a *cracolândia*. Em suas circulações pela região e pelo Centro, ele transita entre o “limpinho” e a “boca”, de acordo com seus interesses em questão.¹⁹
- 22 Durante nossos primeiros contatos, ele era síndico daquele edifício, em diálogo com síndicos de outros prédios do entorno, para trocas sobre as experiências objetivando a realização de fins práticos comuns.²⁰ O perfil dos moradores daquele prédio seria composto basicamente por famílias, majoritariamente de duas a quatro pessoas, boa parte proveniente do nordeste, bem como da China e Coreia do Sul. Embora sejam de gerações distintas, um considerável número de moradores trabalha nas imediações com atividades ligadas ao comércio informal. A tentativa de implantar algumas melhorias no prédio, por si só uma atividade que pode gerar desacordos num condomínio, vinham-lhe acarretando conflitos peculiares. As assembleias contavam com poucos participantes, e as reclamações ou rumores eram crescentes.
- 23 Mesmo que ele não tivesse uma posição contrária ao comércio informal, seu papel de síndico levava-o a conflitos com moradores envolvidos com o comércio “pirata”, articulados por relações de parentesco, no qual o edifício era uma base de atividades. Meses depois, não conseguíamos mais contatá-lo. Soubemos apenas que ele sofrera um acidente e que deixara de ser síndico.
- 24 Passados alguns meses, ele foi encontrado num evento. Após se lembrar com algum esforço da pesquisa, relatou que naquela ocasião havia sido agredido, razão pela qual nem morava mais lá. Certas medidas tomadas como síndico – como terceirização da portaria e organização da coleta de lixo – vinham realmente atingindo, sem que percebesse, os interesses do grupo já citado, ligado à “pirataria”. O que ele veio a descobrir, posteriormente, é que os mesmos também traficam cocaína a partir do edifício e de um bar vizinho (alguns desses traficantes teriam propriedades, inclusive, em outros prédios da região). Uma mulher teria simulado uma reclamação, e ao atendê-la, foi agredido por vários homens seguidamente com socos e pontapés. Ele não foi à polícia (segundo ele, totalmente corrupta e ligada ao tráfico da região), e precisou ser hospitalizado. Hoje, segundo ele, tal grupo controlaria o prédio, incluindo síndico e porteiro.
- 25 No mesmo edifício tivemos contato com Eduardo, universitário natural do interior do estado, que morou com Alberto a seu convite, quando chegou a São Paulo, até que encontrasse uma moradia para si.
- 26 Após esse período, Eduardo decidiu permanecer morando na região (no próprio Ed. Bandeira) por conta da facilidade de acesso a equipamentos urbanos, pela disponibilidade de serviços (como bares e restaurantes que utiliza com regularidade), de lazer (como o samba do Lgo. Gal. Osório,²¹ um dos seus eventos prediletos), e pela própria história do lugar e das pessoas locais, compondo o que ele chama de “cenário diversificado”. Ele reside no bairro há seis anos. Tal visão positivada do lugar, contudo, não é compartilhada por seus amigos, visto que muitos têm receio de visitá-lo em função do medo de serem assaltados por algum *noia* ou “morador de rua” que esteja próximo ao perímetro da *cracolândia*.

- 27 Ele não nega que esse perigo exista, sobretudo devido aos problemas decorrentes do uso e tráfico de drogas no bairro, entretanto, apresenta uma ideia diferente e relativizada do que significa ser assaltado na região. Ele descreve situações em que um *noia* aborda um passante e lhe pede dinheiro, e este, com medo da situação, atende facilmente o pedido, embora isso não seja um assalto na sua concepção, e sim uma abordagem educada de pessoas muitas vezes taxadas como marginais e perigosas. Sentado com os pesquisadores em uma lanchonete da região, Eduardo exemplificou aquilo que dizia mostrando como as pessoas que lhes abordavam, em sua maioria crianças, o faziam de modo cordial, e usando expressões como “por favor”, “Deus te abençoe!” e “muito obrigado!”. Os pedidos visavam coisas diferentes: uma pequena quantia em dinheiro ou o pagamento de um lanche. Para Eduardo, comprar um lanche é a opção mais correta, todavia não basta dá-lo, é preciso se assegurar de que a pessoa o coma na sua frente, para que não seja a seguir trocado por pequenas quantidades de drogas.
- 28 A vivência de Eduardo no bairro lhe permite identificar certos detalhes referentes às relações entre moradores em situação de rua e pessoas alcoolizadas; entre os próprios *noias*; quanto à venda de drogas; sobre deslocamentos dos usuários pelo bairro ao longo do dia e a dificuldade resultante de se delimitar onde seria a *cracolândia*. Evidencia-se assim, que sua circulação pelo bairro não ignora a multiplicidade de situações do entorno. A convite de Eduardo, fomos caminhar pelos limites dos espaços que ele considera a *cracolândia*.²²
- 29 Iniciamos o trajeto pela Av. Duque de Caxias, e com o comércio ainda em funcionamento, Eduardo cumprimentava pessoas que trabalham na região. Após um curto percurso, chegamos à Pça. Júlio Prestes e seguimos pela Al. Dino Bueno, onde então se localizava a extensa calçada do Shopping Fashion Center Luz.²³ Ao nos aproximarmos do prédio, a aparente tranquilidade deu lugar a outro cenário: uma aglomeração contando com mais de cinquenta usuários, dispostos lado a lado na calçada, usavam e comercializavam drogas. Eram adultos, crianças, jovens, homens e mulheres, alguns agitados gritavam, outros conversavam com aqueles que estavam próximos, alguns permaneciam sentados com seus cachimbos e enrolados em cobertores, outros pareciam comprar droga, e ofereciam-na aos pesquisadores e ao morador. A alguns metros da praça, na R. Helvética, dois guardas estavam ao lado de uma viatura da Guarda Civil Metropolitana (GCM) e segundo Eduardo, “faziam vista grossa” para tudo que ali acontecia. Eram múltiplos os acontecimentos daquela cena.
- 30 Próximos à viatura, rapazes jogavam sinuca em um bar. Pouco mais à frente observamos o Bom Prato, restaurante subsidiado pelo estado que serve refeições a preços populares. Eduardo nos disse que ali almoçam diariamente “trabalhadores, noias, moradores de rua”: pessoas que frequentam aquela região. De onde estávamos também apontou para alguns hotéis com aparência física degradada, onde, possivelmente, acontecem o refino e o consumo de drogas. Após algum tempo parados na R. Helvética, voltamos pelo mesmo caminho, e ao fim do nosso trajeto pelos limites da *cracolândia* para Eduardo, ele fez questão de ressaltar como aquele território não é tão perturbador como muitos pensam: “Está vendo como os noias são ‘de boa’? Se você souber se portar perante eles, nada acontece”.
- 31 Em um encontro após algumas semanas, Eduardo nos disse que a configuração da *cracolândia* alterara-se quase totalmente. O motivo teriam sido as constantes investidas policiais na região, realizadas, sobretudo, entre os meses de junho e agosto de 2009.²⁴ A principal mudança fora a expulsão da grande concentração de *noias* da calçada do

shopping, fazendo com que os usuários apenas se dispersassem para outras regiões. Mesmo sem saber afirmar com precisão para onde teriam ido, Eduardo percebeu que os *noias* passaram a se reunir em pequenos grupos na R. dos Andradas, R. Gal. Osório e R. dos Gusmões.

Etnografia de outros edifícios da região: desdobramentos da rede

- 32 A chegada ao edifício Porto Belo se deu em outubro de 2008, possibilitada pelo contato estabelecido a partir de Alberto. No primeiro dia de encontro, reunidos no apartamento de um dos moradores, conhecemos cinco residentes, mas apenas com dois deles foi possível estabelecer um contato mais duradouro.
- 33 Otávio participa ativamente das atividades no edifício, e durante a pesquisa esteve de diferentes maneiras ligado à administração do prédio: fora síndico, subsíndico e candidato à reeleição. Costumava se apresentar aos pesquisadores como uma pessoa “pessimista”, e tal posicionamento se reflete no modo como encara e classifica o bairro, bem como pela maneira que escolhe aprofundar certas relações de vizinhança e manter certo distanciamento de outras, como veremos adiante.
- 34 Otávio é casado e mora no bairro há 26 anos. Estrangeiro, ²⁵ migrou para o Brasil ainda criança. Já morou em outras duas ruas do bairro, já visitou dezenas de capitais no mundo, afirmando que o centro de São Paulo seria um dos piores que conhecera. Ao retrair a história da Luz, ele aponta a antiga existência de prostíbulos na região e identifica uma piora nos últimos quinze anos. Esse intervalo temporal é o marco histórico que ele mobiliza diversas vezes para falar das mudanças pelas quais o bairro passou, referindo-se à gestão da ex-prefeita Luiza Erundina (PT, 1989-1992) e sua possível relação com a chegada massiva de moradores ao bairro (majoritariamente nordestinos), sendo essa a principal causa de mudanças na região, ele conta.
- 35 Ao se referir a espaços de lazer do bairro, Otávio os caracteriza como inseguros – como o Parque da Luz, marcado pela presença de prostitutas e pela falta de policiamento – ou distantes da realidade da população que ali mora, como o Museu da Língua Portuguesa e a Sala São Paulo. O samba do Lgo. Gal. Osório, segundo o morador, seria teoricamente uma boa iniciativa, mas na prática aumenta a presença de usuários de crack nos dias de apresentação. Embora o samba seja bem visto por aqueles que o frequentam, geralmente pessoas vindas de outras regiões, os maiores afetados seriam os moradores, dado o aumento de crimes, violência e o odor de urina na rua. Sua insatisfação com essa atividade o levou a enviar uma dezena de cartas à prefeitura de São Paulo pedindo pelo fim do evento.
- 36 Em nossas conversas com ele, foi possível notar que é atento às dinâmicas da região, e apontou mudanças quanto ao uso do crack no bairro, identificando aquilo que chamamos de fluidez e itinerância: se antes do período das demolições o uso do crack ocorria em grande parte dentro dos hotéis do bairro, após o fechamento e derrubada desses prédios, os usuários passaram a utilizar a droga nas ruas e calçadas de quatro ou cinco quarteirões do entorno. Após as sucessivas intervenções do estado, contudo, usuários estariam presentes em vinte, trinta quarteirões da região. Otávio apontava também efeitos do deslocamento dos *noias* no valor das moradias do bairro e relatou o caso de amigos que compraram apartamentos em regiões onde agora há maior concentração de usuários de

crack, nas quais o valor dos mesmos diminuiu, como na R. Guaianases (ao contrário, segundo ele, do que está ocorrendo com o Ed. Porto Belo, cujos valores tenderiam a crescer com a “saída” da cracolândia dali).

- 37 Esse tema, invariavelmente remete àquele das iniciativas da prefeitura, como o projeto Nova Luz, que, segundo ele, não resolveriam o problema imediato dos usuários de crack, entretanto trariam benefícios em longo prazo. Um desses seria a valorização dos imóveis no edifício onde mora.
- 38 Otávio conta que um engenheiro teria visitado o edifício e dito que, em quatro anos, uma quitinete do prédio poderia ser vendida por R\$ 60 mil. Meses depois Otávio nos contou que fizera um teste, colocando um anúncio de sua quitinete em um classificado de imóveis por R\$ 70 mil e rapidamente recebera quatro propostas de compra. Ele afirma que por R\$ 40 mil é possível adquirir um imóvel na periferia de São Paulo, mas no Centro não, e ainda que ele destaque a existência de diversos problemas, afirma existir uma valorização dos imóveis na região.
- 39 Embora seu prognóstico para a região seja negativo, ele destaca que a área possui uma quantidade de serviços e transporte que agradam os moradores. Identifica também a presença de moradias de baixo custo, como no seu prédio, e a grande oferta de trabalhos informais (e por vezes ilegais, como venda de mercadoria “pirata”), possibilitando assim que pessoas de menor poder aquisitivo morem na região, o que não necessariamente lhe agrada.²⁶
- 40 Otávio também se mostrou contrário às ocupações dos movimentos de moradia no bairro, e disse que os moradores das ocupações não têm nada a oferecer para o Centro. Ele critica a ajuda do governo ao movimento dizendo que outras pessoas moram há 40 anos no bairro e não recebem ajuda, enquanto recém-chegados ocupam um edifício, ganham um apartamento e chamam outros dizendo que é fácil receber um apartamento do governo.
- 41 Tanto a prostituição do entorno,²⁷ quanto à presença de imigrantes de outros estados e países são apontados por ele como aspectos negativos do bairro, compondo assim uma tensão em suas relações de vizinhança, especialmente no seu edifício. Ele relatou estar enfrentando conflitos de diversas ordens no Ed. Porto Belo.
- 42 A reforma da fachada, que teria sido feita a pedido da prefeitura, com o objetivo de evitar que o edifício viesse a ter problemas futuros quanto à sua permanência na região, seria a mais turbulenta. Segundo Otávio, haveria uma espécie de acordo tácito entre inquilinos a fim de manter o edifício nas condições de deterioração física em que se encontrava, pois as melhorias no prédio despertariam o interesse dos proprietários, o que poderia causar uma elevação no preço dos aluguéis. Tal reforma sofrera uma séria tentativa de boicote: enquanto um operário pintava a fachada do edifício suspenso por uma corda, ele conta, algum morador teria cortado a mesma, fazendo com que ele caísse do quarto andar, ferindo as pernas. Mais tarde, a obra sofreu paralisações por conta dessas disputas de interesses, e após a eleição da nova síndica foi retomada.
- 43 Outra moradora do Ed. Porto Belo com quem mantivemos um contato muito proveitoso foi Norma. Ela tem 74 anos, mora com seu marido (cabeleireiro), e seu filho (taxista) há 26 anos no edifício Porto Belo; antes morou na Penha e na Freguesia do Ó.
- 44 O primeiro edifício em que morou na Luz foi o Ed. Estela, localizado na região da Santa Ifigênia, cujas condições levaram os pesquisadores a pensarem, de início, que poderia se tratar de uma ocupação de moradia ou um grande cortiço. Hoje Norma aluga seu

apartamento nesse antigo edifício que, somado ao seu trabalho de doceira, compõe sua renda mensal. Voltaremos a esse prédio mais adiante.

- 45 Norma é uma senhora muito alegre e comunicativa. Como já fora subsíndica do edifício, é bem conhecida, cumprimentando a todos que encontra na rua e no prédio. Durante nossas conversas ela dizia repetidas vezes que não gostava de falar mal de ninguém dali, e, em oportunidades diferentes, levou os pesquisadores à casa de vizinhas que ela ajuda a tomar conta, pois são mais idosas, e algumas bem debilitadas. No antigo prédio onde morava, conta Norma, há diversas travestis, muitas delas suas ex-vizinhas, e mesmo depois de sua mudança para o Ed. Porto Belo elas continuam fazendo encomendas de seus bolos e salgadinhos. Algumas costumam visitá-la para tomar um café e comer bolo, e ela as recebe com muito prazer.
- 46 Embora evite fazer comentários depreciativos sobre o bairro, Norma não deixa de notar algumas tensões relativas a assaltos na região e certos usos que considera desagradáveis, especialmente por parte dos usuários de crack. Ela se alterna entre dizer que não enfrenta problemas com os usuários, não lhes negando comida, mas jamais oferecendo dinheiro (pois diz que seria para comprar drogas), e afirma que tem medo de andar na região à noite, dando o que tem em mãos quando é abordada por medo de abrir a bolsa.
- 47 Assim como Eduardo, Norma não teme transitar em meio a um grupo de usuários (o que foi confirmado durante nossa caminhada), e conta que alguns até a cumprimentam: “Tia, você está boa? Vai com Deus!”. De todo o modo, pondera que os mesmos não são uma imagem agradável, pois contribuiriam para a sujeira nas ruas e diriam palavrões. Contudo, isso não significa que Norma não demonstre preocupação com a condição vulnerável deles. Ela se ressentem em relação à situação e conta que seus parentes raramente a visitam, pois têm medo de terem seus carros roubados.
- 48 Os usuários dividem espaço no bairro com os lojistas, jornalheiros, vendedores de frutas e salgadinhos, e ela afirma que se trata de uma relação tranquila, mas que pode mudar se eles estiverem alterados pelo efeito de drogas. Os roubos aconteceriam quando os usuários precisassem comer.
- 49 Norma afirma que antes das intervenções (três ou quatro anos antes) a visão do bairro lhe causava medo, pois havia muitas pessoas deitadas nas calçadas e ruas, e por vezes era difícil passar por esses lugares. Alguns usuários ainda continuariam dormindo nas calçadas da região, mas saem quando o caminhão de água chega para lavar as ruas, ou com a chegada da polícia, que afasta e arrasta aqueles que dormem, ela conta.
- 50 Ela associa a diminuição de usuários na região das demolições e adjacências à presença ostensiva da polícia, cavalaria e motos. Se antes era impossível passar nas calçadas repletas de pessoas deitadas e sentadas, segundo Norma isso teria mudado muito. Em suas andanças pela região do Lgo. Paissandu e da Igreja Santa Ifigênia, ela nota que não há mais usuários de crack por ali, e que eles teriam ido para a R. Helvétia, e R. Guaianases esquina com a R. Vitória, como assinalado também por Eduardo. Norma afirma não estranhar mais ver os usuários de crack na rua após onze anos encontrando-os todos os dias, mas no início, ela lembra, quando alguém se referia a eles como *noia* ela não entendia, pois achava que estavam dizendo “nora”.
- 51 A moradora considera a Luz uma área bem extensa: inclui o trem, o metrô, os mercados, a José Paulino, o Lgo. Coração de Jesus, a estação Júlio Prestes (de lá usa os trens para a Lapa e para visitar parentes em Francisco Morato), Av. Duque da Caxias (que considera muito bonita), Av. Rio Branco (duas avenidas onde gosta de passear). Quanto às vantagens de

morar na Luz, ela também cita as facilidades de transporte, como o trem e o ônibus, a proximidade do metrô Armênia, do Shopping D, da Rodoviária Tietê, do Brás, e da zona cerealista, todos acessados facilmente de ônibus.

- 52 Norma relata dois episódios que tratam do tema das intervenções no bairro por parte do poder público: as demolições e uma reunião com a subprefeitura da Sé. Ela aponta da janela de seu apartamento a área das demolições de 2007. Onde antes havia uma borracharia, uma bicicletaria, um hotel, uma loja de roupas, e uma oficina de reparos de costura, seria instalada a sede do Prodam,²⁸ mas tratavam-se mais de boatos, segundo ela. O dono da bicicletaria, um estrangeiro que também mora no edifício, mudou a loja para a calçada da frente; o dono do hotel, um português, já teria falecido; quanto às demais lojas, ela não sabia o paradeiro.
- 53 Norma contou sobre uma reunião a que foram chamados na Pinacoteca do Estado com Andrea Matarazzo há quatro anos. Nessa ocasião, Matarazzo, então subprefeito da Sé, orientara os moradores do Ed. Porto Belo a cuidarem do aspecto físico do prédio; disse que a prefeitura não interviria no edifício – como fizera com outros –, mas eles precisariam restaurá-lo, senão a Prefeitura o faria, e com isso eles teriam que deixar suas casas. Tal notícia não a agradou, pois ela afirma que a prefeitura paga apenas o valor venal do imóvel, o que representa bem menos que o valor de mercado. Na reunião estavam presentes cerca de vinte moradores do Ed. Porto Belo, um secretário de Matarazzo, e o dono de um posto de gasolina demolido. Matarazzo havia explicado que o bairro não seria mais “cracolândia”, e sim “Nova Luz”. Norma enfatiza que ninguém sabe do andamento dos planos para a região, mas como seu prédio se trata de um “mito”, nas palavras do subprefeito, ele não sofreria intervenção. Essa orientação de Matarazzo teria dado início à polêmica obra de restauro da fachada do prédio, que sofrera a tentativa de boicote, relatada anteriormente.
- 54 Norma trabalha praticamente todos os dias, inclusive aos finais de semana e parte considerável de sua circulação pela região se relaciona ao seu trabalho: idas diárias ao mercado e à zona cerealista, entregas de suas encomendas na região, fazer a “fezinha” na casa lotérica, ida à área da José Paulino (onde compra suas roupas), R. 25 de Março e também às igrejas locais. Ela dizia que por conta do trabalho não tinha muito tempo livre para andar pelo bairro, por isso conheceria pouca coisa, e não teria oportunidade para ir aos bailes e ao cinema, coisas das quais gosta.
- 55 Contudo, nossas caminhadas com Norma pelo bairro revelam seu conhecimento minucioso do entorno, e especialmente dos detalhes de suas práticas relacionais e classificatórias para com *noias* e moradores em situação de rua, percepções sobre a região, bem como sobre as áreas pertencentes à *cracolândia*. Para aprofundar esses e outros elementos reconstituiremos mais adiante uma longa caminhada com ela em outubro de 2008.
- 56 Antes de prosseguirmos com Norma, façamos uma pausa: vamos apresentar outro edifício da região que nos possibilitou acessar uma importante e complexa gama de relações de compra, venda e valorização de imóveis. Trata-se de um edifício localizado na área da Santa Ifigênia que despertava bastante interesse, sobretudo por seu aspecto fisicamente deteriorado e por suas grandes proporções, o Ed. Estela. A inserção no mesmo, possibilitada pelo contato com Norma, foi, contudo, breve e teve de ser encerrada antes do desejado por questões de segurança.²⁹

- 57 Logo na entrada do edifício, na portaria, presenciamos uma fila de pessoas esperando para utilizar o elevador. Pensamos que fosse um incidente, um acontecimento pontual, mas Norma nos esclarecera que isso era comum, dada a quantidade de moradores do prédio. O edifício, marcado pela presença de moradores de baixa renda, imigrantes bolivianos e travesti, tem mais de duzentos apartamentos. Subimos até o segundo andar pelas escadas e corredores escuros e chegamos à administração.
- 58 O tema que mais se destacou da conversa entre Norma e suas amigas do prédio foi aquele das estratégias de compra e venda de imóveis que moradores e administradores realizam na região. Renata, que mora com seu marido e duas filhas no edifício, contou que o esposo possui cinco propriedades na cidade: quatro no Centro (o apartamento onde moram no Ed. Estela, uma quitinete na R. Conselheiro Crispiniano, outra na R. Xavier de Toledo e uma quarta também na região), além de um sobrado em Artur Alvim. Ela conta que o marido costuma comprar esses imóveis (uma das quitinetes teria custado R\$ 40 mil e é alugada por R\$500) para em seguida alugá-los, complementando assim a renda da família.
- 59 Enquanto conversávamos, um morador boliviano se aproximou da porta perguntando se a polícia o havia procurado no prédio. Elas disseram que o policial teria ido ao edifício para confirmar se o morador havia fornecido seu endereço corretamente, e mostrou fotos do imigrante, de sua esposa e filha. A síndica não reconheceu sua esposa e filha pela foto, mas Renata, que na ocasião estava lá, sim; esse procedimento, segundo elas, faria parte da revisão de dados para obtenção de documentos de legalização que o morador havia pedido.
- 60 Fomos então com Norma e outra moradora, também boliviana, para a sala da síndica, Lisa. Ela não mora mais no prédio alegando não gostar do lugar, e deseja criar suas filhas em outro ambiente. Lisa é inquilina de um imóvel na R. Barão de Piracicaba (é dona de uma fotocopiadora) e por conta da ordem de desapropriação da rua, havia transferido seus equipamentos para a Santa Ifigênia para não perder seus clientes, todos da região. Afirmou que não receberia nenhuma indenização, e não sabia ao certo quando a prefeitura faria as desapropriações, embora todos já houvessem recebido o aviso.
- 61 Lisa apontou relações bastante tensas no edifício. O prédio enfrenta sérios problemas de inadimplência e uma vultosa dívida de contas de água, sob a ameaça de ter seu fornecimento interrompido. A sala da síndica, e o apartamento de Norma nesse edifício, bem como outros apartamentos no andar, têm uma grade de ferro diante da porta, e sempre fica encostada, mesmo que haja alguém dentro. “Para ser feliz aqui não pode ter olho ou língua”, afirma Lisa.
- 62 Segundo a síndica, parte dos moradores é composta por bolivianos que trabalham nas oficinas de costura do bairro, diversos comerciantes ambulantes e pessoas ligadas ao PCC (Primeiro Comando da Capital): “Ninguém aqui tem alma, nem quero saber disso aqui. Você moraria num lugar desses?”, ela perguntou, se referindo ao episódio violento que marcou o encerramento da pesquisa no edifício.
- 63 Esse episódio diz respeito ao assassinato de Diego, membro da administração do edifício, que conhecêramos na visita anterior ao prédio. Lisa não soube precisar as razões da morte de Diego, mas acredita que estejam ligadas às transações comerciais de imóveis que ele fazia no edifício. Ele foi assassinado por um homem no interior do prédio e seu corpo foi encontrado nas escadarias por uma criança. Ninguém sabia dizer quem seria esse homem, e segundo Lisa, passou a imperar a lei do silêncio sobre esse assunto.

- 64 Esmiuçando detalhes acerca dessas compras e vendas, foram evidenciadas dinâmicas habitacionais complexas na região. Segundo ela, haveria no prédio proprietários muito antigos, às vezes com mais de um imóvel. Após a morte desses proprietários seria comum suas famílias não demonstrarem interesse em permanecer com os apartamentos, dado o estado de deterioração do edifício, vendendo-os a preços muito baixos. Diego, por exemplo, assim como Samuel, outro funcionário do prédio, costumava realizar essas compras. Certa vez Diego comprou um apartamento do segundo andar por R\$ 5 mil, e o vendeu à administração do edifício, que necessitava de mais espaço, por R\$ 15 mil. Não havia nada de ilegal nessa transação, mas segundo Lisa, isso chamou a atenção de outras pessoas, que chegaram a dizer que ele estava roubando dinheiro da administração, ou se beneficiando do cargo que possuía.
- 65 Ela relatou que um amigo, também morador do Centro, recebeu uma herança de muitos imóveis na região, e como não tinha interesse em continuar com eles, queria vendê-los a preços muito baixos. Lisa então interveio e se dispôs a encontrar compradores e vendê-los a preços mais elevados, desde que ele tivesse paciência de esperar. Chegou a vender um deles por mais de R\$100 mil.
- 66 Haveria, desse modo, uma série de estratégias em torno desses imóveis vendidos a preços muito baixos na região, e pessoas mais atentas, ou com acesso a certas informações, investiriam dinheiro nessas propriedades e as venderiam posteriormente, obtendo altas margens de lucro.
- 67 Quando o assunto passou a ser as intervenções na região por parte do poder público, ela afirmou que no futuro apenas ricos morarão no bairro, se referindo à saída de moradores das áreas demolidas e às novas ordens de despejo. Lisa e Norma disseram que uma empresa construiria condomínios no bairro, e não moradias populares, tornando-se um bairro de luxo.

Caminhadas com Norma: percursos pelo espaço e adensamento de categorias

- 68 Passemos à caminhada com Norma pelas ruas da Luz. Começamos o trajeto pela R. dos Protestantes, seguindo em direção à Av. Cásper Líbero, onde fica o supermercado que ela frequenta. Durante o percurso, a moradora ia mostrando o comércio, a “casa amarela” (sede da CENA,³⁰ que ela não conhece), as obras do metrô (e partes que serão demolidas para as obras), uma casa do norte, e restaurantes. Ela também apontou um moço que dormia no chão diferenciando um “bêbado”, de um noia: “aquele homem estava muito arrumado para ser noia, até meias brancas estava usando”, ela diz, “provavelmente é um bêbado que bebeu demais e caiu pela rua”, prossegue. Chegou-se então à Av. Cásper Líbero e avistou-se o mercado; Norma também mostrou uma série de prédios usados como moradia que, segundo ela, não seriam demolidos.
- 69 Em frente a uma loja de calçados, algumas pessoas dormiam e os seguranças tentavam retirá-las. Outros estavam ao redor de um rapaz que fazia jogos de azar e discutiam por conta de uma derrota. Seguimos então para a estação da Luz, onde uma série de mulheres estava parada, e Norma afirmou que estavam esperando homens, fazendo referência à prostituição. Ela apontou o Jardim da Luz, a Pinacoteca, uma reforma recente na Estação da Luz, e um setor ligado ao Museu da Língua Portuguesa. Ela também indicou a R. José Paulino e a R. Prates como as principais ruas de rota dos ônibus que trafegam no bairro.

Paramos um tempo em uma banca de jornal na R. Mauá, pois Norma queria saber se já tinham refeito a ligação de luz do comerciante.

- 70 Ela fez questão de mostrar os detalhes das obras na área das demolições: quais prédios seria demolidos ou não, canteiros novos e antigos, as reformas nas calçadas. Contou que no último domingo do mês haveria na praça próxima à casa Tom Jobim apresentações de forró, um caminhão grande traria toda a estrutura, montar-se-iam barracas de comida do norte e o espaço ficaria lotado de pessoas.
- 71 Seguiu-se caminhando, atravessamos a rua e logo estávamos em frente à Estação Pinacoteca; Norma disse que o assoalho era muito bonito, mas nunca entrara no prédio, e afirmou não saber qual o horário de funcionamento. Cruzou-se com um moço de bicicleta e ela perguntou se ele já tinha vendido toda a sua mercadoria no dia (revistas de pornografia). Chegamos então em frente à Sala São Paulo, e logo um garotinho se aproximou pedindo dinheiro.
- 72 No gramado da Pça. Júlio Prestes, vários moradores em situação de rua estavam deitados, e Norma afirmou que os *noias* também costumam ficar pela região. Entramos rapidamente na estação Júlio Prestes, que Norma tanto admira. Ela contou que quando artistas fazem festas no lugar, a praça fica ainda mais bonita, cheia de seguranças (também bonitos), mas ninguém vê o que acontece porque os eventos são fechados. Ela nunca foi à Sala São Paulo.
- 73 A essa altura estávamos na R. Cleveland, na continuação da estação Júlio Prestes, e prosseguimos a caminhada até o cruzamento com a R. Helvétia. Nesse momento avistamos um grupo numeroso de usuários, entre 60 e 100; caminhamos entre eles. A movimentação era contínua, uns caminhavam de um lado para o outro, outros saíam de pequenas portas de uma casa e muitos estavam reunidos em rodas. De repente, com a chegada do carro da polícia, os usuários rapidamente se dispersaram e dois policiais saíram da viatura atrás de um moço que corria. O ônibus que entrava na rua nesse momento ficou impedido de prosseguir, dada a confusão de pessoas correndo e a presença da viatura na contramão. Tudo isso aconteceu muito rapidamente, logo não havia mais usuários na rua e prosseguimos a caminhada pela R. Helvétia.
- 74 Norma apontou onde eram o restaurante Bom Prato – onde todos os dias usuários de crack se alimentam –, as futuras instalações do SESC Bom Retiro (inaugurado posteriormente) e o Lgo. Coração de Jesus, onde costumam acontecer as quermesses do bairro. Entramos na igreja Sagrado Coração de Jesus, e o contraste foi flagrante. Saímos da rua marcada pela correria de policiais e usuários, pela deterioração física dos prédios, pela presença de pessoas vestidas com trapos e cobertores em um estado precário de saúde e bem-estar, para, a alguns passos adiante, entrarmos em uma igreja suntuosa e calma. Reinava o silêncio, e era como se não estivéssemos no mesmo lugar.
- 75 Saindo da igreja nos dirigimos até a Al. Barão de Piracicaba, e passamos perto de uma casa paroquial, muitas casas, restaurantes que tocavam forró, e por fim em frente à sede dos bombeiros. Ela afirma que a polícia está sempre presente na região.
- 76 Quando passamos em frente ao Shopping Fashion Center Luz (diante de uma das portas de serviço na Al. Barão de Piracicaba) vimos que um grupo de comerciantes retirava mercadorias, cadernos de anotações e manequins. Tentamos falar com o homem que aparentava organizar a retirada dos objetos, mas ele não quis conversar, parecia assustado e disse que não sabia de nada. Não havia nenhum carro da prefeitura ou da polícia acompanhando os comerciantes, e o imóvel tinha colado em sua parede o adesivo

“Lacrado” que a prefeitura utiliza nessas situações. Norma disse que o bairro está acabando por conta desses fechamentos sucessivos provocados pela prefeitura, pois estariam saindo os restaurantes, o shopping, comércio e padarias.

- 77 Seguimos pela Av. Duque de Caxias e parte dos usuários que estava na R. Helvétia havia se deslocado para as laterais do shopping. Eles estavam nas duas extremidades da calçada, e os pedestres passavam por eles como num “corredor”, enquanto se preparavam para o uso do crack. Ainda não havia escurecido. Norma afirmou que a *cracolândia* teria se mudado para as imediações do shopping, não mais na área das demolições. Na parte da frente do shopping duas moradoras de rua varriam a calçada e preparavam suas camas, outros estavam no gramado da praça sentados ou deitados.
- 78 Caminhamos para a região da Santa Ifigênia. Passamos em frente à Scavone Instrumentos musicais,³¹ loja de instrumentos nova e bem iluminada, que Dona Norma afirmou, passara por uma grande reforma nos últimos tempos. Fomos então ao encontro de João, 44 anos, dono de uma loja de peças de som, e conversamos longamente sobre o bairro. Ele é bem articulado e por meio de muitas ironias criticou a gestão do prefeito Kassab e o Projeto Nova Luz. Afirmou que em nenhum momento os comerciantes e moradores foram consultados, embora eles fossem os mais atingidos pelo projeto. Muitos moradores já teriam perdido suas casas e o futuro da região da Santa Ifigênia ainda seria incerto. Ele não estava acompanhando as negociações dos comerciantes com a prefeitura, mas sabia que um grupo estava se ocupando desse assunto.
- 79 Seguimos então para o Ed. Estela, onde Norma morou por alguns anos. Chegando ao mesmo, havia uma fila de ao menos quinze pessoas aguardando para o uso do elevador, e algumas travestis saíam do edifício. Subimos até o andar da administração e conversamos com Lisa e Renata, como já mencionado. Saímos do bairro e já estávamos finalizando a caminhada seguindo em direção ao Instituto Tom Jobim. No trajeto, um casal seguia adiante, e à frente deles, outra dupla (um garoto e uma garota). O garoto se aproximou do casal e disse que queria duas pedras, os quatro então começaram a caminhar juntos e a negociar a venda das pedras de crack.

Breve conclusão

- 80 Como vimos ao longo do artigo, a região da Luz apresenta desafios significativos quanto à própria construção do contexto etnográfico, pelas várias possibilidades de aprofundamento.³² Priorizamos aqui a linha de investigação que se revelou mais densa quanto às interações, aos desdobramentos de uma rede de relações e aos próprios achados da pesquisa.
- 81 A etnografia concentrada principalmente nos residentes dos edifícios, em diálogo com aspectos surgidos em contatos e interações com outros moradores durante todo o trabalho, revela certos temas transversais que podem ser brevemente retomados e realçados.
- 82 O primeiro deles diz respeito às estratégias relacionais que nossos interlocutores têm desenvolvido ao longo dos anos em sua interação cotidiana com usuários de crack pelas ruas próximas às respectivas residências. Para além das tentativas de evitação de qualquer contato,³³ as observações revelam uma série de interações que podem ser pensadas basicamente como proximidades voltadas a estabelecer distâncias (SIMMEL,

- out./2005 [1903]). Em muitos casos há contatos com usuários de crack que envolvem conversas e doações geralmente em alimentos ao invés de dinheiro.
- 83 Isso faz parte de um campo de trocas mais amplo, se pensarmos p. ex. no modo como agentes institucionais estabelecem relações com tais usuários (quando oferecem preservativos, cachimbos de madeira, batom para proteção labial, ou mesmo ofertas de abrigo, espaço de convivência ou tratamento, a depender das intenções prévias à interação, em troca de um contato, mais duradouro ou menos superficial, com os mesmos). Isso também envolve a criação de sistemas de classificação que permitam identificar, dentre os agentes estigmatizados pelas ruas, quem seria efetivamente usuário de crack; quem seria morador em situação de rua sem necessariamente usar a droga; quem poderia estar deitado na rua por ter se embebedado, sem estar ligado nem ao crack nem à população de rua etc. Já mostramos em outro artigo (FRÚGOLI JR.; SPAGGIARI, 2010) que a territorialidade da *cracolândia* envolve um conjunto bem mais abrangente que os usuários de crack, e disso decorrem, no caso dos moradores, sínteses particulares quanto ao modo de identificar quem são os sujeitos e como se relacionar com os mesmos cotidianamente, bem como se posicionar até do ponto de vista corporal frente às possíveis situações.
- 84 Há de todo modo situações mais preocupantes para vários residentes, como as relacionadas a conflitos e eventos que se manifestam nos próprios edifícios enfocados, com relações de vizinhança permeadas por proximidades mas também por agressões, ameaças, práticas marcadas por distintos graus de ilegalidade, tráficos, especulação imobiliária ou lutas em torno da definição de prioridades no uso de recursos condominiais. Nesse sentido, para muitos, os conflitos mais desafiantes não se dão em interações nas ruas, mas no próprio interior de tais prédios. É preciso, portanto, maior atenção ao lugar mais preciso de tais conflitos (menos visíveis à primeira vista), que são potencializados por dinâmicas de requalificação urbana presentes no conjunto de intervenções urbanas em curso naquele espaço, mas que obviamente informam sobre um quadro abrangente de relações permeadas pela violência (TELLES; CABANES, 2006; MACHADO DA SILVA, 2008; FELTRAN, 2011).
- 85 Uma última questão com certa recorrência diz respeito ao modo como vários moradores avaliam o aumento ou decréscimo do valor de seus imóveis em virtude de aproximações ou afastamentos territoriais dos usuários de crack. Ou seja, existe um jogo especulativo, em distintas escalas, o qual o próprio poder público acaba por promover através de uma série de intervenções pouco acessíveis quanto aos seus objetivos, sem falar de vários moradores e proprietários que, atentos às dinâmicas locais de deslocamento das concentrações de usuários de crack, ligadas ao caráter itinerante de tal territorialidade (FRÚGOLI; SPAGGIARI, 2010), terminam por atuar como pequenos agentes de uma especulação imobiliária local, mobilizando seus imóveis e informações para a possível obtenção de lucro na venda desses bens. A valorização dos preços dos imóveis, embora possa levar à saída de moradores que não poderiam custear o novo padrão de vida da região, tem outros efeitos, como a valorização de imóveis daqueles que são proprietários; importante frisar que ambas as situações podem ocorrer, evidentemente, no mesmo edifício.
- 86 Os dados da pesquisa, deste modo, nos permitem complexificar diagnósticos e previsões que afirmam o impacto exclusivamente negativo das intervenções; isso depende de quem é analisado, sem que para isso tenhamos que entender os beneficiários unicamente como agentes externos ao bairro, grandes empreiteiras ou pessoas pertencentes à classe média

alta ou elite. O cenário observado permite relativizar essas polaridades, colocando mais nuances dentro de uma região marcadamente popular, porém heterogeneamente popular em sua constituição. As diferenças observadas nos moradores cuja vida acompanhamos mais de perto complexifica esse cenário, corroborando a inexistência de uma classe popular genérica: os moradores se veem de maneiras diferentes, e expõem clivagens internas quanto às suas origens, lugar onde moram, e dinâmicas que estabelecem tanto no bairro quanto fora dele.

BIBLIOGRAPHY

ADERALDO, G.; FAZZIONI, N. **Choro e samba na Luz: etnografia de práticas de lazer e trabalho na R. Gal. Osório** In: Frúgoli Jr., H. (org.), Dossiê Luz, São Paulo. Ponto Urbe (NAU-USP), v. 11, 2012.

AGIER, Michel. **Esquisses d'une anthropologie de la ville: lieux, situations, mouvements**. Louvain-la-Neuve: Bruylant-Academia, 2009.

ALMEIDA, J.; CHIZZOLINI, B. **Do maciço ao mito: uma etnografia do Edifício Copan**. Texto para o simpósio VI Graduação em Campo, Núcleo de Antropologia Urbana da USP. São Paulo, setembro de 2008 (não publicado).

AQUINO, Carlos R. F. de. **A coletivização como processo de construção de um movimento de moradia: uma do Movimento Sem-Teto do Centro (MSTC)**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – FFLCH, USP: São Paulo, 2009.

ARANTES, Antonio A. **A guerra dos lugares** in: Paisagens paulistanas: transformações do espaço público. Campinas, Ed. Unicamp, 2000, p. 103-129.

CARICARI, A. M.; KOHARA, L. (orgs.). **Cortiços em São Paulo: soluções viáveis para habitação social no centro da cidade e legislação de proteção à moradia**. São Paulo/Salvador: Mídia Alternativa/Centro Gaspar Garcia de Direitos Humanos/CESE, 2006.

CARVALHO, J. N. B.; SCHICCHI, M. C. S. **A área da Luz em São Paulo: reabilitação de edifícios históricos versus recuperação urbana**. Os Urbanitas, São Paulo, ano 4, vol. 4, nº 5, fev./2007. <http://www.aguaforte.com/osurbanitas5/Carvalho&Schicchi2007.html>, acesso em 30/11/2007.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. Petrópolis: Ed. Vozes, 1994 [1980].

CORDEIRO, G. Í.; FIRMINO DA COSTA, A. "Bairros: contexto e intersecção" in Velho, G. (org.). **Antropologia urbana: cultura e sociedade no Brasil e em Portugal**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999, p. 58-79.

FELTRAN, Gabriel S. **Fronteiras de tensão: política e violência nas periferias de São Paulo**. São Paulo: Ed. Unesp/CEM/Cebrap, 2011.

FÓRUM CENTRO VIVO. **Violações dos direitos humanos no centro de São Paulo: propostas e reivindicações para políticas públicas (Dossiê de denúncia)**. São Paulo, jun./2006.

FRÚGOLI JR., Heitor. **Centralidade em São Paulo: trajetórias, conflitos e negociações na metrópole**. São Paulo: Cortez/ Edusp/ Fapesp, 2000.

_____. **Sociabilidade urbana**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

_____. **Lignes articulées de recherche à propos d'un quartier du centre de São Paulo**. Brésil (s). Sciences humaines et sociales, CRBC, no prelo.

FRÚGOLI JR., H.; SPAGGIARI, E. **Da cracolândia aos noias: percursos etnográficos no bairro da Luz**. São Paulo: Ponto Urbe 6, Revista do Núcleo de Antropologia Urbana, Universidade de São Paulo, 2010, <http://www.pontourbe.net/edicao6-artigos/118-da-cracolandia-aos-noias-percursos-etnograficos-no-bairro-da-luz>.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. São Paulo: Vozes, 1985 [1959].

JOSEPH, Isaac. **A respeito do bom uso da Escola de Chicago**. in Valladares, L. P. (org.). *A Escola de Chicago: impactos de uma tradição no Brasil e na França*. Belo Horizonte & Rio de Janeiro: Ed. UFMG/ IUPERJ, 2005 [1998], p. 91-128.

KARA-JOSÉ, Beatriz. **Políticas culturais e negócios urbanos: a instrumentalização da cultura na revitalização do centro de São Paulo (1975-2000)**. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2007.

KOWARICK, Lúcio. **Áreas centrais de São Paulo: dinamismo econômico, pobreza e políticas**. São Paulo: Lua Nova nº 70, p. 171-211, 2007.

MACHADO DA SILVA, Luiz A. (org.). **Vida sob cerco: violência e rotina nas favelas do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

MARQUES, E. C.; SARAIVA, C. **As políticas de habitação social, a segregação e as desigualdades sociais na cidade**. In: Marques, E. C. e Torres, H. (orgs.). *São Paulo: segregação, pobreza e desigualdades sociais*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2005, p. 267-296.

MAYOL, Pierre. **Morar**. In: Certeau, M. de; Giard, L.; Mayol, P. *A invenção do cotidiano: 2. Morar, cozinhar*. Petrópolis: Vozes, 2008 [1994], 7ª ed., p. 37-185.

RIZEK, Cibele S. **Intervenções urbanas recentes na cidade de São Paulo: processos, agentes, resultados**. In: Cabanes, R.; Georges, I.; Rizek, C. S.; Telles, V. S. (orgs.). *Saídas de emergência: ganhar/perder a vida na periferia de São Paulo*. São Paulo: Boitempo, 2011, p. 339-357.

SALES, Pedro M. R. de. **Projeto Luz: a respeito de uma proposta de recuperação do patrimônio cultural urbano**. São Paulo: Revista do Departamento do Patrimônio Histórico n. 5, ano V, Secretaria Municipal de Cultura, 1998, p. 128-135.

SAMPAIO, M. R. A. et al. **Requalificação de cortiço: o projeto da Rua do Ouvidor, 63 no centro de São Paulo**. São Paulo: Annablume/FAUUSP, 2002.

SIMMEL, George. **As grandes cidades e a vida do espírito**. Rio de Janeiro: Museu Nacional, Mana vol. 11, nº 2, out./2005 [1903], p. 577-591.

_____. **Sociability** [1917] in: Levine, D. N. (ed.). *Simmel: on individuality and social forms*. Chicago/London: Chicago University Press, 1971.

SPAGGIARI, E.; RODRIGUES, W. E.; FONSECA, I. Z. **Etnografia da atuação de entidades sociais na região da Luz** In: Frúgoli Jr., H. (org.), *Dossiê Luz*, São Paulo. Ponto Urbe (NAU-USP), v. 11, 2012.

TELLES, V.; CABANES, R. (orgs.). **Nas tramas da cidade: trajetórias urbanas e seus territórios**. São Paulo: Humanitas, 2006.

VELHO, Gilberto. **A utopia urbana: um estudo de antropologia social**. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

_____. **Os mundos de Copacabana.** in Velho, G. (org.). *Antropologia urbana: cultura e sociedade no Brasil e em Portugal*, Rio de Janeiro: Zahar, 1999, p. 11-23.

APPENDIXES

Matérias da imprensa, documentos e outros

BRANDALISE, Vitor H. Demolição de rodoviária começa a mudar a Luz. O Estado de São Paulo, São Paulo: 13/04/2010. <http://www.estadao.com.br/noticias/impresso,demolicao-de-rodoviaria-comeca-a-mudar-a-luz,537573,0.htm>, acesso em 5/11/2012.

FIORATTI, G.; CASTRO, L. de. Janelas indiscretas. São Paulo: Folha de São Paulo, 16/10/2009, p. 8-15 (Revista da Folha).

FOLHA DE SÃO PAULO. Revitalização não chega, e morador queixa-se de lixo e insegurança. São Paulo, 30/9/2012, p. 1-10 (DNA paulistano 2012: Região Central).

PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO. Nova Luz (Lei 14.096 de 8/12/2005). São Paulo, dez./2005.

VIANNA, Luiz F. Projeto junta samba e política na cracolândia. São Paulo: Folha de S. Paulo, 31/8/2007, p. E4.

NOTES

1. Trata-se, basicamente, da reconstituição de redes que dialogam com um plano local numa perspectiva intensiva do ponto de vista territorial, ou seja, com atenção especial à condensação de relações entre múltiplas redes num dado espaço.
2. Para maiores detalhes sobre tal região, ver a introdução do presente dossiê.
3. Ver a esse respeito, a etnografia do Ed. Copan em Almeida e Chizzolini (2008).
4. Ver a respeito Fioratti e Castro (16/10/2009); num dos edifícios abordados pela matéria, inclusive, tentamos sem sucesso falar com moradores.
5. Para um detalhamento sobre os enfoques sobre o Centro ou a área central de São Paulo nas ciências sociais, ver a introdução desse dossiê.
6. Inspiramo-nos quanto ao tema dos conflitos, tensões e hostilidades entre vizinhos ou famílias que moram num mesmo prédio, na pesquisa pioneira de Velho (1975).
7. Para mais detalhes sobre tal projeto, ver <http://www.novaluzsp.com.br/>, último acesso em 7/11/2012.
8. Para um quadro abrangente a respeito, ver Kara-José (2007).
9. Para uma visualização disso, ver os mapas do artigo de Carvalho e Schicchi (fev./2007).
10. Que ocorrera em 2007, articulada então por três movimentos de luta por moradia: MSTC, MMRC e MTSTRC (AQUINO, 2008, p.109). Vários integrantes do MSTC na época também ocupava um edifício na Av. Prestes Maia, a poucas quadras dali, ocupação que obtivera uma grande visibilidade e que naquele ano enfrentava negociações que antecipariam sua reintegração de posse.
11. Visitamos um cortiço na região da Al. Barão de Piracicaba e outro na área da Av. Tiradentes nos quais residiam participantes da ocupação do prédio da Av. Prestes Maia, que se valiam do bolsa-aluguel enquanto aguardavam os desdobramentos das negociações resultantes da desocupação, com vistas à obtenção da casa própria. No segundo caso, a maioria dos moradores era ligada ao MSTC.

12. Num período mais tardio da pesquisa, descobrimos que havia moradores da ocupação da R. Mauá que participavam de um time de futebol amador local, a Nova Portuguesa da Luz (ver detalhes em FRÚGOLI JR., no prelo).
13. Muitos homens trabalham como camelôs, catadores de material reciclável, empregados de firmas ou prestadores de serviços, e muitas mulheres principalmente em serviços de limpeza.
14. Também contatamos, na época, vários comerciantes cujas atividades foram atingidas pelas demolições.
15. Sobre o tema, ver Sampaio *et al* (2002), Caricari e Kohara (2006) e Kowarick (2007).
16. Por motivos éticos, os nomes dos agentes e dos edifícios até o final do texto serão fictícios.
17. Conhecemos esse morador por intermédio de um militante do movimento de moradia no Centro.
18. Segundo Alberto, a mediação das relações diante das várias situações ocorrentes seria a chamada “Lei da Voz”, segundo a qual todos teriam amizade entre si, e todos os compromissos se dariam com base na palavra. Contudo, o desrespeito a essa lei traria consequências sérias.
19. As escolhas de lazer de Alberto incluem eventos na Zona Oeste (como na Vila Madalena), bem como equipamentos e atividades da região onde mora. Alguns de seus programas prediletos são: os sambas da R. Gal. Osório, a Sala São Paulo (da qual é assinante), Pinacoteca, Bar do Léo (localizado na R. Aurora) e algumas churrascarias na Av. Rio Branco. Quando busca algo mais requintado, se dirige ao Lgo. do Arouche. Para mais detalhes sobre o circuito de samba e choro da região da Luz ver Aderaldo e Fazzioni (2012), artigo do presente dossiê.
20. Além de trocarem experiências, buscam fins práticos, como combinar preços iguais de prestação de serviço e de locação dos edifícios que gerenciam para filmagens (que ele relata serem comuns na região), além de almejem a criação de uma rede mais ampla de síndicos para fazer com que a prefeitura cumpra suas promessas.
21. Evento que ocorria no referido local no último sábado de cada mês, intitulado Rua do Samba Paulista, a cargo do Projeto Cultural Samba Autêntico e da ONG Unegro (União de Negros pela Igualdade) (VIANNA, 31/8/2007), com a participação de uma população predominantemente negra. Tal evento foi posteriormente transferido pelo poder público para a Av. São João.
22. Eduardo relata também que por vezes encontra *noias* com ferimentos na perna, ou fraturas com os ossos expostos. Ele acredita que essas lesões possam ser sanções do tráfico aplicadas àqueles que transgridem certas normas ou regras impostas pelos envolvidos com a ilegalidade, em especial, com o consumo e venda de drogas.
23. Antes de se tornar um shopping, esse prédio abrigara a antiga rodoviária da cidade, fundada em 1961. Com a inauguração de outras rodoviárias, o terminal na Luz foi fechado em 1982. Quatro anos depois, o prédio da antiga rodoviária deu lugar a um shopping de confecções, o Shopping Center Fashion Luz, em consonância com a vocação têxtil do bairro vizinho, o Bom Retiro. Em 2007 o shopping foi desativado e em 2010 foi demolido para dar início às obras do Teatro de Ópera e Ballet. Para mais detalhes sobre a história dos usos do edifício, ver Brandalise (2010).
24. Conforme amplamente divulgado pela mídia, a Polícia Militar em conjunto com a Guarda Civil Municipal intensificara as suas operações, reprimindo a presença e a atuação de usuários e traficantes. Para mais detalhes, ver Frúgoli Jr. e Spaggiari (2010).
25. Lembramos que, por motivos éticos, não é possível dar maiores detalhes.
26. À época da pesquisa, os custos de moradia no Ed. Bandeira variavam entre R\$ 250 e R\$ 700 e o condomínio entre R\$ 100 e R\$ 300, já no Ed. Porto Belo, aluguel e condomínio, juntos, custavam em torno de R\$ 400.
27. Para mais detalhes acerca da atuação de entidades que trabalham com mulheres que se dedicam à prostituição na região da Luz, ver Spaggiari, Rodrigues e Fonseca (2012), artigo do presente dossiê.
28. Empresa de Tecnologia da Informação e Comunicação do Município de São Paulo.

29. Realizamos duas idas ao edifício acompanhados por Norma, a primeira vez na longa caminhada que será descrita adiante, e posteriormente quando tentamos agendar uma entrevista com sua amiga, e ex-vizinha do prédio, uma travesti muito próxima, mas que fora cancelada.

30. Comunidade Evangélica Nova Aurora. Para mais informações sobre a atuação da CENA, e de outras entidades que oferecem assistência aos usuários de crack na Luz, ver Frúgoli e Spaggiari (2010). Ainda sobre o tema das entidades que atuam na região, ver artigo desse dossiê (SPAGGIARI; RODRIGUES; FONSECA, 2012).

31. Os circuitos de samba e choro da região são objeto de análise no artigo de Aderaldo e Fazzioni (2012) desse dossiê.

32. Não houve inclusive como incorporar do ponto de vista etnográfico uma associação de moradores, a AMALUZ, surgida em 2009, quando das ameaças de novas demolições na região, que se amparariam na lei de concessão urbanística (ver mais detalhes na introdução do dossiê, e também <http://apropriacaodaluz.blogspot.com.br/>, último acesso em 11/11/2012).

33. O que tende a ser ressaltado pela grande imprensa.

ABSTRACTS

O artigo tem como objetivo específico apresentar as práticas espaciais e relacionais de moradores da região da Luz, geralmente obliteradas pela polaridade cracolândia-Nova Luz veiculada pela grande imprensa. Por meio de uma etnografia que reconstituiu uma rede de relações entre moradores de diferentes edifícios, desenvolvemos uma inserção que contou com caminhadas pelo bairro com esses agentes, com vistas a compreender e identificar: representações que esses possuem sobre o espaço urbano, usos cotidianos que fazem do mesmo, como delimitam fronteiras e lidam com tensões resultantes dos planos de intervenção do entorno, com atenção especial às dinâmicas relacionais que estabelecem com os usuários de drogas e com seus próprios vizinhos.

The specific aim of the article is to present the spatial practices and relationships of people who live in the Luz district, usually ignored due to the polarity shown in the press between cracolândia (crackland) and the (Nova Luz) New Luz project. Through an ethnography which rebuilt a network of relations between people who live in different buildings, we developed an insight, following walks around the neighbourhood with these agents. We wanted to understand and identify: representations they have about the urban space, the way they use it in daily life, how they establish frontiers and how they deal with the tensions resulting from the plans to intervene in the area, paying special attention to the relational dynamics they establish with drug users and with their own neighbours.

INDEX

Keywords: dwellers, cracolândia (crackland), spatial practices

Palavras-chave: moradores, cracolândia, práticas espaciais

AUTHORS

HEITOR FRÚGOLI JUNIOR

Professor Doutor do Departamento de Antropologia da USP

BIANCA BARBOSA CHIZZOLINI

Mestranda em Antropologia Social/PPGAS-USP